

EDIÇÃO ESPECIAL

PO LÍTI CA



**"NÃO FICO DEMASIADO
PREOCUPADO EM HAVER
MAIS QUE UMA TENDÊNCIA
E MAIS QUE UM PROJECTO
DENTRO DO PS"**



14

PS: disputa eleitoral à base de Triplo A

É um dilema e abala a construção socialista mas os candidatos avançam em aceleração centrípeta; 'o assumido', 'o ambicioso' e 'o amado' são o composto humano com propriedades de anti-inflamatório, analgésico e antitérmico. Vai curar?

16

Felgueiras: o 'sem emprego' de Bragança

Há três meses a viver das senhas de presença e na corda bamba já não dependente de uma auditoria (concluída) mas nas mãos de Bragança, o homem que define o destino político dos militantes no poder municipal.

17

JP: quer vereador do Desporto a sério...

A Juventude do CDS-PP reclama um vereador a sério e não 'um tarefeiro' para dar vida às associações que se sentem prejudicadas com a falta de um interlocutor...

© GAI



JUNTE-SE TAMBÉM A NÓS EM:

TWITTER.COM/GUIMARAESAGORA
INSTAGRAM.COM/GUIMARAESAGORA
FACEBOOK.COM/GUIMARAESAGORA



carta do editor

A CAMINHO DA CLARIFICAÇÃO!



Ricardo Costa é um candidato assumido, primeiro que todos os outros, actuais e futuros; Paulo Silva alimenta a ambição de um jovem turco apoiado pelo presidente da Câmara.

A vida política interna do PS tem sido à volta destes dois protagonistas que dialogaram mais recentemente, ao almoço e ao jantar. E andam entretidos num jogo de quem consegue inscrever mais militantes.

Mas não chegaram a consenso. Domingos Bragança de partida da Câmara - o seu último mandato já vai a meio - não deixa de jogar a sua cartada na sua própria sucessão.

E entre apelos à união ou à unidade, continua a ser o estratega do pára e arranca, de um entendimento que muitos admitem não ser viável. Mas seria desejável. E por uma questão simples: Ricardo Costa reclama a legitimidade da sua escolha e tenta congregar à sua volta tudo e todos; começou um processo de escolha de candidatos autárquicos, legitimado por ser o presidente da concelhia, o que não agrada ao outro lado;

Paulo Silva rejeita esta superioridade e defende que serão novas eleições para a concelhia que podem dirimir este conflito entre candidatos. E confirmar quem será o novo "chefe".

O diálogo para a paz é prometido pelos dois, depois de novas eleições internas. Ora se a legitimidade que Ricardo Costa diz ter para ser a

escolha do PS nas eleições para a Câmara Municipal não é aceite por Paulo Silva, amanhã, tudo continuará na mesma ou pior.

Se Ricardo repetir a vitória não precisará de Paulo para nada e negociará com ele apenas para cumprir a ideia de diálogo e de apaziguamento, mesmo que a maioria seja relativa. Por seu turno, se Paulo chegar em primeiro na contagem dos votos dos militantes socialistas também não precisará de Ricardo para nada. E assim persistirão as razões para se manterem afastados.

Mas como seria o cenário, se um terceiro candidato raiasse numa manhã de sol, por entre nuvens políticas, mais à frente ou daqui a pouco?

Vítor Oliveira não esconde ser o D. Sebastião, vindo do nevoeiro, por se sentir "amado".

Ao que consta anda a ser abordado por militantes nas facções de Ricardo e Paulo no sentido de eventualmente avançar para uma candidatura. É "amado" por presidentes de Junta resultante dos muitos anos de chefe de gabinete de Domingos Bragança.

O anúncio esta semana de que já tinha abandonado, há tempos, o seu lugar no secretariado de Ricardo Costa, pode ser um indicador de que pode correr por conta própria nesta corrida de 5000 metros na estrutura socialista de Guimarães.

Nesta caminhada de candidatos, um assumido - que reclama mais legitimidade - de quem tem ambição de ser depois de presidente da Comissão Política, o presidente da Câmara e outro "ambicioso" a querer marcar já o futuro, num tempo de renovação como herdeiro privilegiado do legado de Bragança, seria o êxtase total - e socialista - se o candidato - pretendente - "amado", pudesse entornar o caldo nesta corrida de candidatos. Porém, há outras ambições escondidas e tudo se pode baralhar, por influência de terceiros.

Mas a clarificação tornar-se-á incontornável - e pode acontecer a 28 de Setembro - numa reunião da Comissão Política que pode ser efervescente.

Neste cenário, há os candidatos "falados" como é o caso de José João Torrinha, um pretenso "agregador" para quem a política é uma viagem a chegar ao fim. ●

© DIREITOS RESERVADOS



JOSÉ JOÃO TORRINHA ESTÁ NA POLÍTICA DE PASSAGEM

“NÃO ESPERO TER NENHUM PAPEL NO FUTURO DO PS”

- José João Torrinha fala, nesta entrevista, sobre como se sente confortável no cargo que exerce, de presidente da Assembleia Municipal, o debate político que se faz no parlamento local e o funcionamento de um órgão do poder local que os vimaranenses começam a perceber e nele participar mais e melhor.



© GAI

- O Partido Socialista e a sua vida interna e o desenvolvimento de Guimarães completam a entrevista em que José João Torrinha dá a conhecer as suas ideias, as certezas e as suas interpretações e convicções.

O CARGO POLÍTICO

Ser presidente da Assembleia Municipal (AM) representava alguma ambição no seu itinerário político?

Não, de maneira nenhuma. Na altura em que o convite me foi feito, primeiro, perguntaram-me sobre quem eu achava que deveria ser o candidato. Respondi com dois nomes que não o meu. E que acabaram por não se concretizar.

E o que representa a política para si?

A política surgiu de forma natural. Desde criança que em minha casa havia um discurso muito politizado pelo lado de meu pai. Era do MDP/CDE depois teve uma participação na candidatura de Maria de Lurdes Pintassilgo, para a Presidência da República. Mas não tinha participação partidária, porém, adorava discutir política. Eu cresci num meio de discussão política. Muitos anos mais tarde, já era trintão, quando senti que havia um partido com o qual alinhava então é que decidi entrar.

Não ambiciona mais do que ser presidente da AM?

Não.

Sinceramente...

Sim, sinceramente (peremptório). Não ambiciono mais nada.

Como se tem sentido na orientação da Assembleia?

Muito bem porque essencialmente tenho contado com a colaboração de todos os partidos. Desde que comecei, há seis anos, nunca tive nenhuma dificuldade, com os líderes sempre tive uma relação cordial e tenho respeitado e sido respeitado. Tem corrido muito bem.

E que avaliação faz desse desempenho institucional?

É sempre difícil ser juiz em causa própria. Sempre foi um ponto de honra ser o mais possível imparcial. Tenho tentado seguir essa preocupação à risca. Mesmo que dentro do meu par-

tido possam não gostar muito. Tento abstrair a ligação partidária, em cada momento que tenho de tomar uma decisão. Integro um grupo parlamentar mas não sou presidente do PS (na orientação da AM). Sou o presidente da AM.

A AM tem-se prestigiado a si mesma para ter um maior reconhecimento dos cidadãos?

Tem sido feito um esforço de aproximação da AM aos cidadãos. Tentámos isso desde o início e vejo com agrado, ao longo destes anos, o número de intervenções do público tenha aumentado. Acho positivo. As reuniões descentralizadas que fizemos, em Pevidém, teve cinco intervenções do público; o facto de serem transmitidas online, também contribuiu para que mais pessoas, a partir de suas casas, possam assistir ao que lá se passa.

Tem sido um esforço interessante. E a forma como têm decorrido, há sempre conflitos, mas não se tem passado dos limites. Isso também prestigia a AM.

Qual foi o melhor momento vivido no parlamento local?

Os momentos mais interessantes acabaram por ser aqueles em que era líder parlamentar. A função de presidente é prestigiante mas aí é essencialmente um árbitro. Mas devo

confessar que tenho algumas saudades do tempo em que estava do outro lado e tinha de ir à luta. Quer o primeiro mandato como deputado e depois como líder da bancada houve momentos muito interessantes do ponto de vista do debate político e que nos fazem crescer.

E o pior?

Eu acho que há um momento em que não podemos escapar e que as coisas não correram bem. Foi quando a sessão foi interrompida por causa das Nicolinas e da pandemia, Sou nicolino, integrante da associação e percebo a tristeza das pessoas e a decisão que ali foi tomada mas o que se passou ultrapassou o limite que não se deve ultrapassar.

Quando foi a 'invasão ao Capitólio, nos USA', viu alguma semelhança?

Não será tanto (rindo) nem tão grave. Depois de ter falado com algumas pessoas vieram a si e à razão. Não esconde que esse era um momento que não devia ter acontecido.

O DEBATE NA AM

Como avalia a qualidade do debate político: em Guimarães e na própria Assembleia?

É evidente que a qualidade do



debate depende da qualidade dos intervenções. Se houver qualidade o debate eleva-se e é profundo. Se os intervenções tiverem menor qualidade o debate sofre com isso. Tenho notado desde o início, sem grandes flutuações, que há alturas em que é mais rico, noutras é pela rama, outras mais incisivo, outras mais superficial. Tem sido de uma qualidade interessante genericamente. Não faço nenhum juízo negativo.

Sente, por exemplo, que os presidentes de Junta têm medo de dizer que o 'Rei vai nú' na Assembleia com medo de represálias da Câmara?

Acho que não. Acho que os grupos parlamentares devem valorizar o papel deles. Se a lei lhes dá o direito de estarem presentes na AM por serem presidentes de Junta, eu acho que deve ser de corpo inteiro. E gosto quando eles intervêm e quando se comportam como deputado municipal. Medo de represálias não sinto, já senti noutros tempos. Se calhar ao contrário, aproveitarem aquele momento para exercerem qualquer crítica e estão no seu direito. Actualmente isso é menos evidente. Daí a dizer que têm receio, acho que não.

O facto de a informação da agenda não circular pela maioria dos deputados, uma vez que só os grupos parlamentares recebem as propostas que vão ser discutidas, isso não limita o debate político; outras vezes não se conhece mesmo os pormenores sobre o que vai ser discutido...

A documentação é toda enviada... para os grupos parlamentares. Sim mas individualmente cada um pode aceder à documentação toda na sua plataforma. Se o fazem ou não isso já é outra questão.

Nota que, afinal, o debate político ocorre sempre sobre assuntos que a Câmara leva para ratificação, e sobre os quais os deputados não se podem dissociar dessa amarra?

Têm dois momentos em que podem

sair dessa amarra. E até há momentos que são mais extensos: o período de antes da ordem do dia (PAOD) e a análise da actividade da Câmara. Esta análise é, por vezes, um segundo PAOD e quando chegamos ao fim dessa discussão já passaram duas horas, já é meia-noite e ainda não entramos à ordem do dia. Tem de haver limitação de tempo. Já tivemos três reuniões numa sessão da AM e tudo bem não podemos tornar a Assembleia ingovernável.

Esse debate também está limitado pelo sexo dos eleitos, maioritariamente homens?

Eu gostava de ter mais mulheres a participar e aliás é uma coisa interessante. O ano de 2013 foi ano de alguma viragem na vida municipal com a entrada em vigor da limitação de man-

"O PS tem uma mulher a liderar, o que é de valorizar. Gosto de ouvir a Gabriela Nunes. Tivemos a Mariana Silva (CDU) no passado que era extremamente combativa."

dados. Tivemos muitos presidentes que saíram e houve uma regeneração interessante. E também houve a esse nível, apareceram várias presidentes de Junta, coisa que antes não havia em tão grande número. Daí para cá essa evolução não continuou. Estamos mais ou menos com o mesmo número quando se esperava que com a presença delas não se cumprisse estritamente as quotas mas fosse para além disso.

Distinguiria alguma mulher nas lides parlamentares, de ontem ou de hoje?

Há uma que é incontornável Paula Lemos Damião e que já lá está há muitos anos. Distingue-se por duas coisas: é uma das decanas, não sei se será úni-

ca como tem um estilo muito próprio e que sai fora dos cânones e quem sempre gostei apesar de não ser do meu partido. Sempre gostei e gosto.

Mais?

Há outras: o PS tem uma mulher a liderar, o que é de valorizar. Gosto de ouvir a Gabriela Nunes. Tivemos a Mariana Silva (CDU) no passado que era extremamente combativa, a própria Sónia Ribeiro (BE).

E o que pensa da intervenção dos mais jovens no universo político-partidário?

Também temos tido. No passado ainda houve mais, no passado houve uma integração de mais jovens da JS e com muitas intervenções nesse período. Neste mandato tem-se notado menos mas tem havido rejuvenescimento.

O FUNCIONAMENTO DO PARLAMENTO

Sobre o funcionamento da AM, reconhece que a oposição está limitada, pelo tempo e pela informação que vai tendo da gestão municipal?

Há dois modelos que podemos seguir. Há assembleias, outros concelhos, onde a repartição do tempo é igualitária, todos os partidos têm o mesmo tempo; quando entrei já não era assim, ou seja, os tempos eram distribuídos proporcionalmente. Tentei e movi alguma influência para que houvesse alguma aproximação. E de facto houve. Os partidos menos representados passaram a ter mais tempo e o PS como mais representado com menos tempo. Conseguiu-se aqui um equilíbrio interessante. Também percebo que um grupo parlamentar com mais de 60 elementos não pode ter o mesmo tempo que um grupo com um deputado só.

O regimento favorece o poder, já que o PS e a Câmara são 'donos do relógio' da Assembleia?

Não. Parece-me que foi conseguido aqui um equilíbrio interessante entre representatividade e ter um mínimo ►



de tempo para se fazer uma intervenção política decente. Acho que esse equilíbrio foi encontrado na última revisão do regimento.

Não é preciso fazer mais nenhum equilíbrio ou ajuste?

Há neste momento uma revisão em curso do regimento. E há uma série de ajustes em cima da mesa para melhorar e aproximar as posições das partes.

O que seria possível fazer para equilibrar mais o debate respeitando maiorias e minorias, de acordo com os resultados eleitorais, uma vez que os deputados estão quase em permanência ao serviço da Câmara votando as propostas oriundas do executivo num corre-corre. Concorda?

Há os constrangimentos da lei e a regulação do que vem da Câmara para ser aprovado pela Assembleia. Estamos limitados por aí. O que eu acho e isso tem sido interessante neste mandato - acontecia muito nos

mandatos anteriores - era passado o período de antes da ordem do dia, havia o tal corre-corre de que fala e os pontos eram votados em catadupa do "quem vota a favor, quem vota contra, quem se abstém". O que tenho notado, neste mandato, é que não há ponto onde não haja intervenção. Isso é novo. Acho bem... podem dizer mas isso estende no tempo as sessões. Mas nós estamos lá é para isso. E não para despachar no tal corre-corre.

Como quem coloca o selo branco e rubrica...

...o selo branco e ponto final. É uma

"Se os deputados entenderem dever activar mais comissões é uma questão de proporem e a Assembleia decidir."

boa evolução!

A AM não devia ter uma agenda própria de debates, para além da agenda do executivo municipal?

É curioso que também nisso há uma evolução. Recordo-me de que as assembleias extraordinárias só aconteciam quando a Câmara não conseguia encaixar nas sessões ordinárias assuntos que queria ver aprovados rapidamente. E não esperava pela próxima. Mesmo quando foi a primeira candidatura da Capital Verde foi possível incluir na agenda. Neste mandato, já tivemos uma sessão extraordinária sobre a Mobilidade. E lá tivemos e vamos em Julho sobre a segunda candidatura da Capital Verde. Ainda não estamos a meio do mandato e já levamos duas extraordinárias convocadas por iniciativa dos partidos e não da Câmara.

E porque não funcionam as comissões?

Essencialmente a tradição em Guimarães é que as comissões não ►

funcionem de forma permanente, como em Municípios de grande dimensão caso de Lisboa. Quando há um tema que se reclama seja discutido a nível de comissão, abre-se a comissão e ela trabalha. Já aconteceu isso com a Capital Verde Europeia e mais lá trás com a CEC 2012. Se os deputados entenderem dever activar mais comissões é uma questão de propõrem e a Assembleia decidir. O presidente não tem nada a opôr-se.

Tal como o número de sessões?

Exactamente a mesma coisa.

Votar a oferta de uma bandeira do Município na AM merece-lhe que comentário?

Uma excelente pergunta. Eu entendo, há já algum tempo, que há matérias que não têm dignidade para serem votadas na Assembleia Municipal. E sei que noutros Municípios há uma interpretação da lei sobre se é necessário que certas deliberações sejam votadas na Assembleia Municipal. E já encontraram a solução. Já fiz ver

"Tem havido muitas intervenções - e com qualidade - que interpelam os grupos parlamentares com questões muito pertinentes e com argumentação interessante."

o meu ponto de vista que em Guimarães se deve adoptar este princípio. E este assunto não tem dignidade para suscitar discussão e aprovação do plenário de deputados.

E o público cidadão e eleitor, como vê a sua participação nas sessões, assistindo ou questionando? É positivo?

Sim, muito positivo. Tem havido muitas intervenções - e com qualidade - que interpelam os grupos parlamentares com questões muito pertinentes e com argumentação interessante. É evidente que nessa participação há um amargo de boca porque - muitas

vezes as pessoas querem ser esclarecidas e quem tem os esclarecimentos é a Câmara. E pelo regimento, a Câmara não pode responder ao público. E os grupos parlamentares normalmente limitam-se a agradecer o contributo. E a dizer que vão colocar as questões à Câmara.

Isso também é para ser revisto no regimento?

Eu percebo os (dois) argumentos, de que a Câmara pode responder ao público e dos que pensam que não pode responder. Por um lado, o que as pessoas querem é a resposta da Câmara; e por outro há um lugar próprio para que essas perguntas possam ser respondidas que é as reuniões da Câmara. E que neste caso - de a Câmara poder responder - estaríamos a abastardar o papel da Assembleia.

No seu entender quais seriam as reformas necessárias deste poder local instalado?

Já há muito que defendo que a forma de funcionamento do executivo municipal deve ser à semelhança do Governo: um executivo monocolor, quem ganha constitui o seu governo e a Assembleia deve ter poderes reforçados de fiscalização, ou seja fazer a sindicância da acção municipal, com mais reuniões. É um modelo que eu vejo muita gente a defender mas chegada a hora de passar isto à prática nunca há a coragem política de o fazer. Houve um momento em que o PS e PSD convergiram nesta reforma. E nada foi avante.

O comportamento de alguns deputados em algumas não é muito bom...

Quer dar exemplos?

Por exemplo, nunca reparou que há aqueles, incluindo presidentes de Junta, que suspendem o mandato, ausentando-se por 30 dias, de forma sistemática e permanente em todas as sessões?

Há efectivamente casos de deputados que pedem consecutivamente a ►



suspensão por 30 dias para que sejam substituídos por outros deputados. Acho mal. Ninguém obrigou as pessoas a candidataram-se aquele lugar. Se o fizeram é porque tinham um contributo a dar, se não tem contributo a dar a lei dá-lhes a solução de renunciar ao mandato. E entra mais um deputado da lista. É uma má prática.

Qual é a percepção que sente dos vimaranenses sobre a AM?

Acho que os vimaranenses encaram a Assembleia como o lugar onde podem apresentar as suas queixas e pontos de vista. Quando falo com as pessoas porque estão insatisfeitas com alguma coisa é curioso porque não ouvi ninguém declarar "vou à reunião de Câmara" dizer qualquer coisa. As pessoas efectivamente encaram e olham a Assembleia como o sítio - se tiveram algo a reclamar é lá que eu eu tenho de ir. Acho isso interessante e positivo. Sem prejuízo de poderem ir à reunião de Câmara. Eu percebo quais são as dificuldades: a reunião de Câmara é durante o dia em período de trabalho e a Assembleia é em período pós-laboral. Agrada-me que a Assembleia seja vista como o lugar onde os cidadãos vão expôr os seus problemas.

O que tem a dizer sobre a qualidade do pessoal político que tem sido eleito?

Tem havido rejuvenescimento e regeneração e que os deputados que integram a AM têm feito intervenções de qualidade.

○ PS

O partido não está viver o melhor momento no que toca à sua unidade interna. Porquê?

É preciso começar por dizer uma coisa: é normal que os partidos tenham dentro de si pessoas que pensam de maneira diferente. Às vezes é possível conciliar essa divergência... de forma muito fácil e às vezes é menos fácil. É normal que em períodos eleitorais quem ache que tem condições para encabeçar determinado projecto se

apresente a votos. E se houver mais que um... que disputem eleições um com o outro. Não vejo isso como nenhum drama. Se me perguntar: preferia que estivéssemos todos no mesmo sentido e que houvesse a unidade de que muito se fala. É evidente que sim. Mas também não fico demasiado preocupado em haver mais que uma tendência e mais que um projecto dentro do PS.

Não estranha que isso possa acontecer na próxima eleição da Comissão Política?

Não estranho. Não sei se vai acontecer ou não mas se isso acontecer como já aconteceu na anterior... não estranhei na anterior e não vou estranhar na próxima.

"Vejo gente das freguesias, com posições relevantes com lugares interessantes na estrutura do partido e não só. Não vejo tanto essa elite de que fala."

Sente que isso acontece mesmo por divergências ideológicas?

Divergências ideológicas se calhar não. Francamente é mais a forma como se percepciona a actividade a nível do Município e quem acha que tem as melhores condições para levar à prática o projecto do partido.

Acha que tudo começou com a candidatura de Ricardo Costa à Federação distrital?

Olhando para a história do partido esse foi um primeiro momento em que houve alguma divergência... Pelo menos - é preciso fazer declaração de interesses - eu só estou nisto desde 2009. E sei que para trás de 2009, se calhar conhece melhor do que eu, houve muitos momentos de divergências, dissidências. Desde que

eu entrei, o primeiro momento em que notei claramente uma divergência interna foi esse.

Parece certo que a eleição para um novo mandato da concelhia terá, outra vez, uma concorrência bipolar, de dois blocos que não se entendem no conceito de unidade, não por divergências ideológicas mas antes pela "posse" do poder?

Acho que não. Tenho em boa conta os camaradas que protagonizaram esses momentos e não acho sinceramente que isso seja um factor. É evidente que as pessoas têm as suas ambições e os seus projectos e a vontade de os levar à prática. Tem toda a legitimidade para o fazer.

A classe política local é, hoje, uma elite de Guimarães ou não?

Sinceramente é menos hoje do que já foi... Vejo, por exemplo, que protagonistas no partido que não são meramente chamados "meninos da cidade" como eu. Vejo gente das freguesias, com posições relevantes com lugares interessantes na estrutura do partido e não só. Não vejo tanto essa elite de que fala, vejo mais um PS transversal. Vejo mesmo, francamente.

Nunca se pronunciou sobre a saída de Ricardo Costa da vereação, acha que foi um erro político ou não?

Há decisões que são unipessoais. Eu entendo - e defendi isso na altura e defendo agora - que o candidato a presidente da Câmara deve ter liberdade para escolher a equipa com quer trabalhar. Quando o presidente anunciou essa decisão, eu só tinha de respeitar. Foi uma decisão que ele tomou nas suas opções.

Hoje, que avaliação faz? Foi mesmo um erro político ou não de Domingos Bragança?

Não acho que tenha sido um erro político. Acho que o presidente tomou uma opção da avaliação que fez na altura. Não creio que ele próprio esteja convencido de que tenha cometido um erro.



É que Ricardo Costa foi substituído por Nelson Felgueiras, um ex-JS que está na ribalta política por causa da sua função como vereador e da ligação a associações... Já se debruçou sobre isto?

Não sei se foi uma substituição directa mas passou a integrar a lista quando antes não a integrava. O que eu posso dizer sobre isto... quando me pergunta se já reflecti sobre isto. Assim como eu disse que a decisão era uma decisão unipessoal do presidente da Câmara. Esta também é uma decisão unipessoal do presidente da Câmara que tinha de avaliar o que é que devia de fazer sobre o que foi noticiado. E a decisão de decidir uma auditoria sobre estes factos não deve assustar ninguém porque beneficia todos. Estou solidário com a decisão que o presidente da Câmara tomou.

O acto em si, em termos políticos, é grave ou não?

Quando o presidente constitui a sua equipa tem de estar sempre confortável com quem a integra. E se ele entendeu que era bom fazer-se a auditoria e que era bom enquanto ela decorresse o vereador não tivesse os pelouros atribuídos, ele fez tudo para defender o interesse público. E por isso também estou solidário com ele.

Concorda com o líder da oposição que entende que Nelson Felgueiras já não tem condições para exercer funções na vereação?

Não me vou pronunciar sobre isso por uma razão: eu integro o órgão fiscalizador da Câmara e não vou dizer nada que possa perturbar o que, neste momento, está em cima da mesa, a auditoria e que no final o presidente é livre de tirar as suas conclusões, sejam elas quais forem.

Que papel espera ter no futuro do PS?

Nenhum... (riu-se com uma forte gargalhada).

Admite liderar uma terceira ou quarta via?

Não, de maneira nenhuma. Estão

fora... e está de parte qualquer intenção nesse capítulo.

Vai manter-se na mesma trincheira?

Não tenho trincheira nenhuma. Sempre encarei a minha passagem pela

"Agradeço muito que falem no meu nome. Mas se alguém estará com essa expectativa é bom que desista dela porque não vai acontecer."

Como vê entrada de militantes na secção sem vontade própria mais a pedido deste e daquele prejudica o PS, enquanto partido?

Vou dizer assim: eu prefiro o partido com menos militantes mas todos estejam convictos que é ali que querem do que um partido com exércitos de eleitores.

Isso não altera a essência do ser socialista?

Se estamos a falar - independentemente de quem possa enveredar por esse caminho, sabemos que é um fenómeno generalizado - esse é um caminho em que não me revejo, de



vida política como isso mesmo, uma passagem. Começou comigo já trintão e o fim não deverá estar muito longínquo. Não tenho nenhuma ambição a esse nível.

O que pensa daqueles que defendem o José João Torrinha como o homem ideal nesta situação de desunião do partido?

Respeito muito quem pensa assim. Agradeço muito que falem no meu nome. Mas se alguém estará com essa expectativa é bom que desista dela porque não vai acontecer.

"É um partido muito diferente. Já era diferente daquele que eu encontrei quando cheguei. É normal, evoluiu com o passar dos anos."

maneira nenhuma.

Espera evolução neste desaguisado interno, uma evolução e se resolva até 2025 ou isso é um sinal de ➤

vitalidade partidária?

Espero que sim. Acho até que se os intervenientes políticos que neste momento estão à cabeça das tendências que há no PS têm verdadeiramente a vontade de construir um caminho de união, há duas coisas a fazer: A primeira, é se é altura para se sentarem à mesa, devem fazê-lo sem precondições. Nenhuma; A segunda é se porventura chegarem à conclusão de que não é possível essa união pré-eleitoral, pelo menos pós eleições internas se unam imediatamente à construção do objectivo que é 2025.

O PS tem alimentado, como devia, o debate sobre as grandes questões que interessam a Guimarães ou aposta mais na fulanização dos cargos e da decisão de novos eleitores/militantes?

Acho que tem sido feito um esforço assinalável da parte da actual Comissão Política concelhia em promover esse debate. Isso tem acontecido. Desse ponto de vista - não ando atento ao que fazem outros partidos - mas no meu partido vou estando atento e esse debate tem sido feito por esta Comissão Política e isso é de reconhecer.

É necessário?

Claro que sim...

Não belisca a iniciativa da Câmara?

Não, de maneira nenhuma. Eu acho que muitas vezes se fazia era outra coisa: isto é muito frequente em todos os partidos, nos períodos pré-eleitorais, quando estamos à bica das eleições autárquicas toda a gente faz fóruns da sociedade civil. Eu acho interessante que isso se faça no mandato todo e não só para cumprir calendário.

O PS de hoje tem comparação com o passado, a nível local?

É um partido muito diferente. Já era diferente daquele que eu encontrei quando cheguei. É normal, evoluiu com o passar dos anos. Eu entrei em 2009, já passaram 14 anos, é muito tempo.

Mas discute-se menos a ideologia e mais as escolha de lugares...

Não sei. Eu tenho para mim que a escolha de lugares é algo que nunca, a mim - não o digo só por vaidade pessoal - é verdade; nunca pensei em ser nada no partido. No meu caso foram surgindo naturalmente. Mas acho que a escolha de lugares é tão antiga como os partidos.

O DESENVOLVIMENTO DE GUIMARÃES

Nunca deixou perceber o seu pensamento político sobre o desenvolvimento de Guimarães. Porquê?

Eu entrei para a política em 2009 porque como cidadão eu me revia na acção política local em Guimarães. Aproximei-me primeiro do PS Guim-

“Não concordo. Isso é uma visão que não tem correspondência com a realidade. Guimarães tem sabido reinventar-se.”

arães do que do PS Portugal. Ideologicamente, na minha juventude era mais esquerdistas do que socialista, andava por outras áreas. A minha aproximação parte daí porque entendia que os executivos socialistas tinham, de facto, dado àquele orgulho, que todos sentimos de ser vimaranense, um conteúdo. E havia razões para isso. Foi isso que me trouxe ao partido. E passados estes anos todos, eu entendo que as razões que estavam na base da minha adesão se mantêm com outros contornos, com outros caminhos mas nos quais me revejam totalmente.

Entrou no último mandato de António Magalhães e só assistiu a quatro anos de muitos avanços no desenvolvimento de Guimarães...

...entrei para a Assembleia Municipal,

em 2009.

E antes?

Era um observador atento. Curiosamente, pouca gente sabe, tinha sido convidado em 2005 para integrar a lista da AM e na altura entendi não aceitar. E arrependi-me porque não havia motivo nenhum para não dar uma resposta afirmativa. Havia ali apenas um *part pris* ideológico de dizer mas eu até sou mais de outra área política quando já me revia na ação política do Município. Não havia razão para não ter aceitado. Em 2009 foi a correcção do erro anterior.

Concorda com os que dizem que Guimarães anda para trás e os Municípios à volta, andam para a frente?

Não concordo. Isso é uma visão que não tem correspondência com a realidade. Guimarães tem sabido reinventar-se. Há quem entenda e defende isto: Guimarães tinha uma determinada linha e que nunca deveria ter alterado essa linha. As apostas que tinha há uns anos, deveriam ser as apostas reforçadas para sempre. E ao contrário, acho que Guimarães não perde nada em a essas linhas somar outras. E eu acho que isso tem sido feito. A aposta mais nas questões económicas - que são uma imagem de marca dos mandatos de Domingos Bragança, a questão ambiental ou a questão do Desporto - que já vinha de trás - mas a continuação da aposta nisso, a questão da coesão territorial que é outra marca de Domingos Bragança, isso só nos enriquece e não vejo que os outros estejam melhor do que nós.

Foi nessas áreas que mais se sentiu a progressão de Guimarães num contexto de desenvolvimento?

Acho que há uma marca - a ambiental é a mais imediata - que nasce nos mandatos de Domingos Bragança mas se tivesse de escolher uma, era a coesão territorial. A forma como se investiu nas freguesias não tem paralelo com a ação política em Guimarães nos últimos 40 anos.

E quais as que entendem que não se desenvolveram tanto?

Acho que Guimarães conseguiu com essas novas camadas que foi acrescentando... não há propriamente áreas em que se esteja a desinvestir ou seja menos interventiva que outros Municípios. Guimarães conseguiu cobrir o que é espectro das políticas públicas de um Município com a nossa dimensão.

Se estivesse na Câmara qual seria a área em que se sentiria mais à vontade?

(pergunta difícil)... Não sei, se calhar na Cultura, na minha área profissional não há nada a não ser a das Contra-Ordenações e sinceramente não me agradaria muito assumir.

Ou seja, é um adepto daquilo que Domingos Bragança tem feito no Município...

Sou... completamente!

Fala-se muito do desenvolvimento

protagonizado pelo Município... E então e aquele que é conseguido pela iniciativa privada, pelo movimento cultural, pelas instituições sociais e desportivas?

É indispensável, (fala-se pouco mas devia falar-se mais). É preciso dizer

"É preciso dizer que a aposta na Cultura não nasceu aí. Nós sempre tivemos instituições culturais fortíssimas. E o Município viveu sempre disso e muito bem."

que Guimarães - e isso são marcas da governação socialista - tem na Cultura uma que é decisiva. É preciso dizer que a aposta na Cultura não nasceu aí. Nós sempre tivemos instituições culturais fortíssimas. E o

Município viveu sempre disso e muito bem. E dessa colaboração e inter-penetrado nasce a da qualidade da política pública, na área cultural... E na área económica ainda mais, quer que se queira não, a influência que o Município possa ter nessa área, apesar de tudo tem algumas limitações, o grosso da coluna é feito pelos privados.

Sente que Guimarães é um Município europeu... acha que Guimarães aproveitou bem os fundos estruturais da União Europeia?

Acho que sim. É outra imagem de marca de Domingos Bragança sempre soube captar esses fundos e alavancar a acção do Município muito assente no recebimento desses fundos e fê-lo na Câmara.

Isso tornou Guimarães mais europeu?

Acho que sim... Sem dúvida nenhuma. ●



Guimarães

Finalista Capital Verde Europeia 2025

Um caminho
construído com todos



MUNICÍPIO DE
GUIMARÃES



LABORATÓRIO
DA PAISAGEM
Guimarães



GUIMARÃES
Finalist
2025

EUROPEAN
GREEN CAPITAL



TENDÊNCIAS E CANDIDATURAS DESAVINDAS POR PESSOAS E NÃO POR PROJECTOS

- Um jogo táctico está a limitar candidatos e candidaturas e diminuir o diálogo e a discussão interna no PS Guimarães, ameaçando a pluralidade interna, um paradoxo num partido a quem a democracia portuguesa muito deve.

OPS arrasta o seu diferendo interno, no tempo, à espera da data de novas eleições concelhias... Uma data que pode baralhar as contas de duas facções assumidas e em presença.

Seria curioso saber se, por exemplo, uma terceira via surgisse no horizonte do partido; uma outra perspectiva que poderia animar a disputa, refrescar o ar da vida partidária, suscitar entendimentos ou provocar clivagens. Sobretudo, contribuir para o PS definir o seu rumo, ser claro nos objectivos.

Não seria, porventura, por uma terceira candidatura que o PS se dividiria ainda mais do que já está.

Ricardo Costa, com o mandato de presidente da "concelhia" em exercício e com um mandato que, nos termos dos estatutos, poderia terminar em Outubro, completando os dois anos de mandato e Paulo Silva, vereador, empurrado por um outro PS - o tal partido da Câmara de que muitos falam, são para já os nomes que alimentam as alas em diferendo interno.

São eles os responsáveis pela secção de Guimarães ser, hoje, a maior do país, em termos de número de militantes, mas sem influência nacional e que nunca conseguiu colocar um representante sequer no Governo, ao contrário de Braga.

O problema do PS não é o facto de haver uma disputa plural nas candidaturas para os órgãos concelhios. O problema mesmo é que os



© DIREITOS RESERVADOS

socialistas nunca levaram a sério - ontem e hoje - a democracia interna; houve sempre quezílias e apontar de dedos quando surgia uma alternativa. E alimentam "guerras surdas" e não "guerras abertas".

Foi assim com António Magalhães e a chamada "minoria" - numa era mais política - onde pontificavam Raúl Rocha, António Fernandes, Esser Jorge, Francisco Teixeira e Maria do Céu Martins; e já com Domingos Bragança, na Câmara, em 2014, surgiu um grupo - das freguesias e com presidentes de Junta a querer marcar o seu tempo - em que figuravam Luís Soares, Paulo Renato Faria, Manuel Silva e Carlos Guimarães.

Estas disputas internas, tinham subjacentes visões diferentes do poder instalado, no que toca a medi-

das de política. Ao contrário de hoje, o que divide mesmo o PS é a disputa muito intensa de "lugares" na política - de que muitas fazem profissão - numa democratização de acesso ao poder onde começou o vale tudo. Inclusive o de que qualquer presidente de Junta poder ser presidente da Câmara...

A concorrência interna, não se ficou por estes episódios e depois - e contra o poder instalado - Ricardo Costa avançou para a corrida à Federação distrital de Braga. Hoje, pode defender-se que se Guimarães tivesse apoiado "um filho da terra" em detrimento de Joaquim Barreto, o PS Guimarães seria bem diferente.

Pode ter começado aí uma divergência que se foi acentuando, com Ricardo Costa a ser empurrado para fora da nomenclatura de poder e a vestir a túnica de "vítima" - que culminou no seu afastamento da vereação municipal, numa espécie de escolha entre os bons e os fracos. E como não foi sacrificado no Calvário, a seguir disputa a concelhia que vence e monta o cavalo do poder (partidário).

Agora, não há volta a dar: o partido tem vivido num jogo táctico de bastidores, alimentando por mal-dizeres e uma falsa unidade partidária e uma união que parece afundar-se num fosso. E os contendores têm vivido com o medo de serem acusados com o epíteto de "divisionista", prática contrária à que se vê nas disputas nacionais. E tudo como se o que se passa por dentro do PS não se vislumbrasse cá fora.

Em plena era democrática, ►

o que se vê? Tão só a defesa de um poder monárquico - que nem um Rei constitucional tem, à semelhança do Reino Unido, por exemplo, algo de caricato num partido que ajudou a instalar a democracia em Portugal. O PS encostado à parede, espera por uma nuvem de unidade - que não chegará nunca - pois, nem sequer a consenso chega sobre como dirimir este déficit de democracia interna.

A paz podre vai fazer ruir o partido e enfraquecer a seiva que alimenta o PS na Câmara. Em vez de agitar-se por dentro, numa convenção qualquer, onde tudo fosse discutido, o que está bem espelhado é que o PS vive dominado por sindicatos de voto, *influencers* de trazer por casa,



interesses variados, e até da própria divisão cavada para acautelar interesses particulares muitos dos quais ainda obscuros.

Minado na sua credibilidade de partido democrático aos olhos dos vimaranenses, o PS não encontra antídoto para sarar as feridas desta espécie de fim de ciclo, onde os poderes instalados tentam tapar o sol com uma peneira. Sem ver a realidade e o que está aí pela frente e de que os interesses de alguns não são os interesses de Guimarães.

O PS está tolhido na iniciativa política, muito por querer ser amparo da Câmara - coisa sem discussão porque a solidariedade não foi posta em causa. E muitos esquecem que

um dia vai perder as eleições porque o poder não é eterno. No poder há 30 anos, poucos percebem como a dinâmica interna se degrada, o que faz com que Guimarães sinta, agora, muito mais a concorrência inter-municipal dos seus vizinhos.

Estancando na sua virtude, o partido torna-se numa espécie de religião com vários Deus e muitos apóstolos que não professam a sua fé original. Há muitas capelinhas, a vida interna perde fulgor, os militantes reúnem-se na casa do chefe de facção, os jogos de poder acabam com a ousadia.

Para uns só há legitimidade para disputar eleições se tudo girar à volta do poder municipal - onde se abre a nova élite da cidade, que vive 'à grande e à francesa' em comparação com a maioria dos vimaranenses.

Ninguém deve ter dúvidas que foi o PS - os seus órgãos, os seus dirigentes e os seus militantes (de várias proveniências) que se colocou a



si mesmo, no meio da ponte, num ata, nem desata de um nó górdio que se apertará (tanto) até ao limite da asfixia generalizada.

Não sendo a disputa da conciliação um processo novo - ainda que tenha laivos de repetição pela pluralidade de candidaturas e candidatos - o que é certo é que a concorrência trouxe mais ciúme do que discussão programática e prática, mais agrupamentos de candidaturas que parecem

odiar-se e assumirem o espírito de facção, claque e clube, sem olhar a meios.

O facto de o PS ser dono e senhor da Câmara, tem limitado o debate interno, a discussão de ideias. Teme-se distribuir informação, o poder também legitima saber e conhecimento - de que alguns se julgam donos e mentores.

Tudo gira em torno da concepção, ideologia, do presidente Bragança... e da sua ideia sobre o desenvolvimento municipal, redutora porque não aberta à sociedade e mais encostada e à boleia da Universidade. E de outros interesses que agora se revelam.

Uma concepção que não



deixa marcado o distanciamento que é devido - e seria exigível e benéfico - entre a academia e o Município, outrora mais conseguido - com Júlio Mendes (na presidência de António Magalhães) e António Cunha (reitor da Universidade do Minho), a partir do qual se iniciou uma cooperação forte, da qual nasceram projectos instrumentais e estratégicos para o desenvolvimento de Guimarães.

Finalmente, com a entrada de novos, diversos - e tantos - militantes, sem qualquer fé no partido - mas no angariador de novas adesões - e na sua doutrina, o PS Guimarães tornar-se-á numa amálgama, um universo ecuménico mas sem Concílio e muito menos sem Papa. ●

DOMINGOS BRAGANÇA GERE TIMING POLÍTICO

O JEJUM DE FUNÇÕES DO VEREADOR NELSON FELGUEIRAS PARECE NÃO TER FIM

- Vai às reuniões, senta-se ao lado de Ana Cotter, vota conforme os restantes vereadores socialistas. E já lá vão cerca de três meses a viver sem “ordenado” e apenas com a senha de presença.

O destino de Nelson Felgueiras enquanto vereador executivo da Câmara-PS, está longe de depender da auditoria interna que foi feita às suas decisões.

Há quem defenda que a auditoria está pronta e que agora Domingos Bragança - o dono da decisão - gere um *timing* político para dizer a Nelson Felgueiras que já não conta com ele. Ou se voltar às funções de vereador do Desporto terá de se comprometer com um sentido de apoio político que tem a ver com as próximas eleições internas nos socialistas.

O presidente não está a ser pressionado para readmitir o vereador. Nem sequer o PS Guimarães questiona a duração do jejum e abstinência de funções.

Pelo contrário, Domingos Bragança que assumiu essas funções pode até a estar subtilmente influenciado para manter tudo como está e que os problemas dos pelouros ocupados pelo vereador suspenso (de funções) é bem exercido pelo seu gabinete.

Externamente, o PSD utiliza o “caso” para a sua luta política, parecendo viver bem com a presença do vereador e, também, com a sua ausência do executivo.

Recorde-se que na última reunião da Câmara, Bruno Fernandes (PSD) quis saber porque é que a auditoria sobre a gestão de Nelson Felgueiras ainda não foi concluída.

Domingos Bragança socor-

reu-se de Joana Xavier para explicar o porquê de ainda não haver um relatório sobre o comportamento do vereador socialista à frente do área do Desporto.

O presidente quis que fosse a Directora Municipal dos Serviços Partilhados a informar a vereação sobre o estado da auditoria três meses depois da suspensão de funções executivas de Nelson Felgueiras.

“*Não há relatório*” - disse Joana Xavier. Justificou a delonga com as férias de pessoal, a ocupação dos serviços com tarefas mais imediatas. Porém, deu conta de que os trabalhos estão a prosseguir.

O vereador social-democrata, estranhou a demora na conclusão da auditoria, que “*pode ter também outra justificação*” que não especificou.

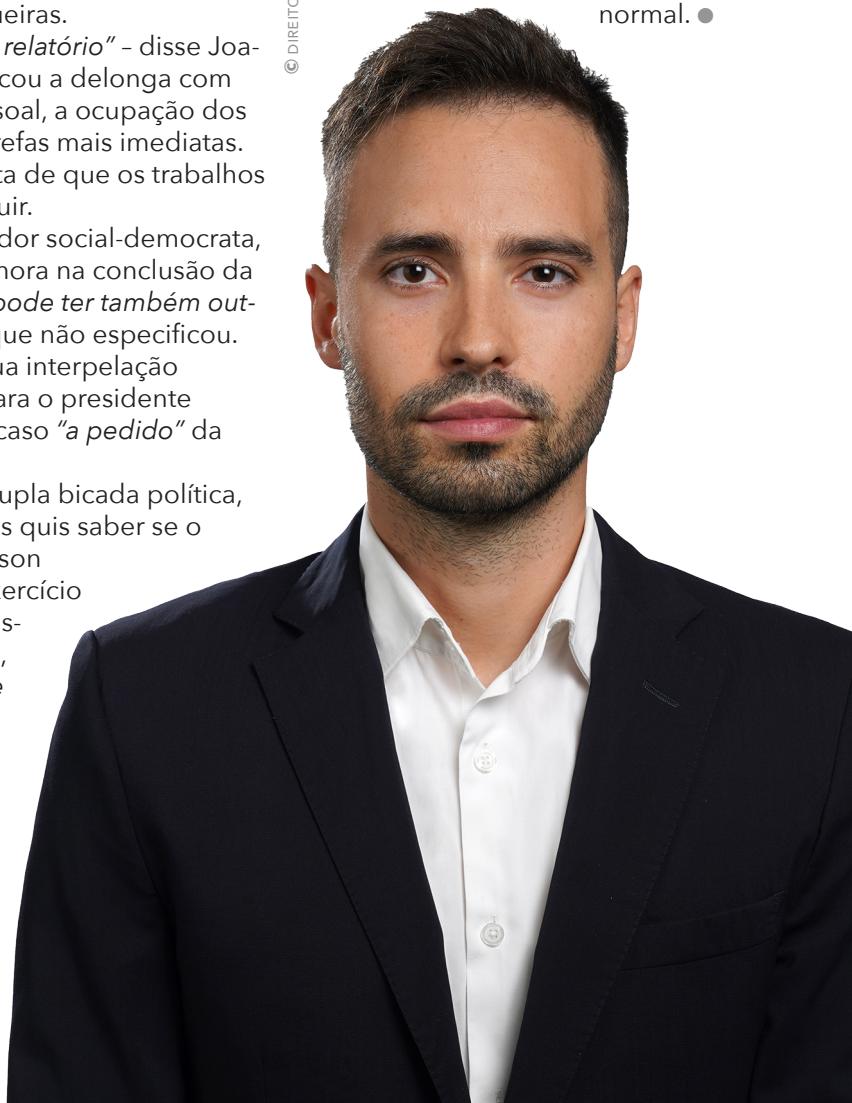
Mas a sua interpelação foi uma ajuda para o presidente que abordou o caso “*a pedido*” da oposição.

Numa dupla bicada política, Bruno Fernandes quis saber se o regresso de Nelson Felgueiras ao exercício de funções se justifica, entretanto, porque “*durante três meses não foi necessário*”. O presidente exerceu essas funções neste período e advogou até, que sendo assim, “o

Município podia poupar dinheiro”, uma vez que “*parece não se justificar ter mais um vereador remunerado*”.

E ao querer saber como está este saneamento político de funções executivas na Câmara socialista, criticou a morosidade que subjaz às decisões da administração municipal, tomadas repetidamente para além do que é normal. ●

© DIREITOS RESERVADOS



JUVENTUDE POPULAR: A EXIGÊNCIA DA CONCLUSÃO CÉLERE DA AUDITORIA

- E o retorno do ex-vereador ou a nomeação de uma outra pessoa que assuma as pastas do Desporto e Juventude em exclusivo, é urgente.

Os jovens centristas entendem que a suspensão *sine die* de Nelson Felgueiras não favorece ninguém.

E, por isso, repudiam "a situação da Juventude e do Desporto em Guimarães".

Num comunicado a JP sustenta que "é incompreensível a demora na auditoria à gestão do ex-vereador da Juventude e do Desporto" na sequência "do alegado favorecimento de uma associação desportiva".

"Exige-se uma célere averiguação dos factos ocorridos e as exemplares ilações a retirar do processo" - salientam. E querem essa averiguação dos factos "quer existam ou não provas concretas".

Para a JP Guimarães "é bem claro que esta situação não favorece ninguém"; porque "à partida adivinhava-se que este processo não iria favorecer as políticas de Juventude e do Desporto em Guimarães".

Os jovens centristas e populares, classifica a delegação de competências do vereador no presidente da Câmara, como "algo secundário" na "agenda política preenchida" de Domingos Bragança.

"Hoje, passados três meses os nossos receios confirmam-se" - salienta o comunicado. E dos contactos estabelecidos com "as associações de juventude e desportivas do concelho percebe-se um desalento pela inexistência de líder político nestas matérias".

Na sua crítica à demora da conclusão da auditoria, notam que "o trabalho desenvolvido durante o úl-



© DIREITOS RESERVADOS

E o acompanhamento das associações juvenis e académicas do concelho tornou-se inexistente, reconhece a JP.

Salienta que no Desporto, "os processos encontram-se mais lentos, os subsídios para obras a realizar nos recintos desportivos do concelho atrasam-se e os actuais responsáveis pelas pastas alegam desconhecimento dos processos e incapacidade de acção".

A JP justifica ainda as suas críticas por "as dificuldades de liquidez actuais, a ausência de contacto próximo e de acção da Câmara Municipal nas áreas de Juventude e do Desporto têm marcado estes três meses de auditoria interna à gestão da vereação". ●

timo ano, no posicionamento do Conselho Municipal de Juventude como motor de uma agenda de juventude em Guimarães encontra-se suspenso".



© DIREITOS RESERVADOS

aumentámos 150% a recolha de orgânicos

de janeiro a abril 2023,
em comparação com 2022

objetivo para 2023
7500 toneladas

Saiba tudo sobre esta
iniciativa em rrrciclo.pt

A separação e valorização de resíduos orgânicos já está a ser implementada a 34% da população do concelho num plano de implementação contínuo até 2028, onde atingirá a totalidade da população vimaranense.